



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

7576 - Trabalho Completo - 14a Reunião da ANPEd – Sudeste (2020)

ISSN: 2595-7945

GT 12 - Currículo

ESCRITAS EM PROCESSOS FORMATIVOS DOCENTES: EXPERIÊNCIAS

EMANCIPATÓRIAS NOS COTIDIANOS DAS LICENCIATURAS

Sabrina Mendonça Ferreira - UERJ/PROPED - Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Agência e/ou Instituição Financiadora: não houve

Este trabalho busca dar enfoque a escritas nos processos formativos docentes e tem como finalidade apresentar dados produzidos em decorrência de uma experiência educacional vivenciada com licenciandas e professoras de uma Licenciatura em Instituto Federal no norte fluminense, tendo sido consolidada no bojo de uma pesquisa de doutoramento em curso, que busca, sobretudo, compreender melhor as relações que se dão na produção de escritas na formação docente e como elas podem estar contribuindo ou, sendo mobilizadas para contribuir com o processo de emancipação social das professoras em formação.

Partindo do pressuposto de que há indícios emancipatórios a serem tanto identificados quanto explorados nas escritas produzidas durante a licenciatura – a escrita *docendo* – noção que venho desenvolvendo e aprofundando durante o processo de doutoramento, procuro colocar em relevo *espaçostempos* potentes da *praticateoriapratica* em que as licenciandas produzem currículos nos cotidianos universitários fazendo uso de narrativas escritas; sendo mobilizadas a pensarmos juntas em possibilidades de produzirmos outras escritas e no para além da escrita.

No campo das pesquisas nos, dos e com os cotidianos das escolas, nos diferenciamos de outros estudos preocupados com a política de currículos, porque, como nos dizem Nilda Alves e Inês Barbosa de Oliveira (2008, p. 11), “nossa preocupação está na necessidade que percebemos de que os estudos de currículo, para além da análise das políticas oficiais, se dediquem a compreender como cotidianamente são enredados os conhecimentos e realizados os currículos” nas escolas.

São importantes, para a discussão aqui proposta, as noções de *processo formativo*, *escrita* e *emancipação*. Garcia e Rodrigues (2019, p. 13), vão nos dizer, a respeito de questões imbricadas nos processos formativos com a temática dos cotidianos:

O estudo e o trabalho com a temática têm evidenciado os *processos formativos* e de produção dos currículos como predominantemente culturais, dinâmicos e atravessados por saberes e sentidos múltiplos. São essas características que nos permitem ponderar sobre as formas de resistência e as práticas e sentidos que produzem as brechas e fissuras que corroboram as mudanças. “Entendemos que as possibilidades de resistir às estratégias e práticas de controle que hoje conduzem, sobretudo, ao economicismo e ao conservadorismo, se colocam como ‘maresia’ e ‘ferrugem’, corroendo a dureza dos tempos atuais” (Garcia; Rodrigues, 2017) (grifo meu).

Da noção política de *escrita*, concordo com Certeau (1994), para quem a palavra se produz no jogo do poder. O autor aponta questões pertinentes, sobretudo quanto ao *uso* feito da escrita como instrumento pela classe privilegiada, que funcionou e continua funcionando como forma de dominação. O autor usa o termo “escriturário” para designar tanto as operações da escrita quanto o momento, a partir do século XVII, em que a escrita, além de ser uma prática de poder e uma ferramenta dos saberes modernos, constitui também um novo modo de produção, que modifica e articula simbolicamente a sociedade ocidental.

Ponderando sobre como as escritas curriculares estão sendo propostas e criadas nos cotidianos da formação de professoras, questiono-me como essas escritas dialogam com o mundo das licenciandas. Como premissa, assumo que há possibilidades emancipatórias nas escritas delas e que elas produzem *experiência*, no sentido como nos provocou Jorge Larrosa (2017).

Da noção de *emancipação*, busco, sobretudo, convergências com o pensamento de Boaventura de Sousa Santos (2011, 2013) que, procedendo a uma crítica do modelo de racionalidade ocidental, estuda em que medida a globalização alternativa produz “a partir de baixo” e quais são as suas possibilidades e seus limites. Com vistas a “combater os excessos de regulação da modernidade através de uma nova equação entre subjetividade, cidadania e emancipação”, Santos (2013, p. 278) nos diz que: “a emancipação não é mais do que um conjunto de lutas processuais, sem fim definido. O que a distingue de outros conjuntos de lutas é o sentido político de processualidade das lutas”.

Com base nesse referencial, questiono aqui que escritas podem colaborar com os processos formativos enquanto formação docente mais ampla e como mobilizá-las fugindo, tanto quanto possível, dos constrangimentos impostos pela lógica ocidental moderna. É possível oportunizar que as licenciandas experienciem *usar* (CERTEAU, 1994) outras escritas e se movimentem para além da escrita imposta na universidade, na permanente *invenção de si* (KASTRUP, 2007)? Como chegamos a isso coletivamente?

Considerando a complexidade inerente aos cotidianos e compreendendo a necessidade de uma abordagem também de natureza complexa para procedermos metodologicamente, optei pela realização de *conversas* no lugar de roteiros fechados de entrevista, indo ao encontro do proposto por Garcia (2014) sobre os *encontros* como metodologia de pesquisa e formação de professores. Garcia (2014, p. 13) aponta que:

Mobilizados pelos diálogos em rodas de conversa (...) e junto ao investimento em narrativas, entendidas também como forma de deslocamento e ressignificação da docência, das escolas e dos cotidianos, contribui para interrogar e desconstruir representações de docência e escola, vistas como obstáculo à produção micropolítica e cultural das práticas educativas, dos currículos, das possibilidades das escolas e dos possíveis da docência.

Como proposta de expansão, apresentarei parte dos resultados produzidos até então por meio desses procedimentos que, na referida pesquisa, são metodológicos, mas também consequentes de um repensar epistemológico sobre a forma como vimos “coletando” nossos dados de pesquisa nas nossas redes educativas.

Esse artigo auxilia no aprofundamento da noção de *escritas docendo*, a qual venho compreendendo como escritas cotidianas produzidas singularmente com impacto no coletivo durante as licenciaturas, integrando os processos formativos, contribuindo no processo emancipatório dos licenciandos e permitindo que, escrevendo, possam, indo além da produção textual, se perceberem em autoprodução, autoformação, em invenção de si e do mundo que produzimos cotidianamente.

**Palavras-chave:**

Escrita; Processos formativos docente; Cotidianos.

**REFERÊNCIAS:**

ALVES, Nilda. **Sobre os movimentos das pesquisas nos/dos/com os cotidianos**. In: ALVES, N; OLIVEIRA, I. Pesquisas nos/dos/com os cotidianos das escolas: sobre redes de saberes. Petrópolis: Depetrus editora, 2008.

CERTEAU, Michel de. **A Invenção do Cotidiano 1: artes de fazer**. 22 ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

GARCIA, Alexandra. **“Defina Metodologia”**: questões para pensar a pesquisa e a produção de conhecimentos nos currículos e processos formativos cotidianos. In Aventuras do conhecimento: utopias vivenciadas nas pesquisas em educação/ organização Inês Barbosa de Oliveira; Alexandra Garcia. – 1. Ed. – Petrópolis, RJ: De Petrus; Rio de Janeiro, RJ: FAPERJ, 2014. p. 81- 100.

GARCIA, Alexandra; RODRIGUES, Allan. **Existir é ordinário: mapas de resistências nos currículos e na docência**. Educação & Realidade, Porto Alegre, v. 44, n. 3, e84915, 2019. <http://dx.doi.org/10.1590/2175-623684915>

KASTRUP, Virgínia. **A invenção de si e do mundo. Uma introdução do tempo e do coletivo no estudo da cognição**. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

LARROSA B., Jorge. **Elogio da escola**. Tradução Fernando Coelho –1. Ed. – Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017. – (Coleção Educação: Experiência e Sentido).

RIBEIRO, Tiago; SOUZA, Rafael e SAMPAIO, Carmen Sanches. (Orgs). **Conversa como Metodologia de Pesquisa: por que não?** – Rio de Janeiro: Ayvu, 2018. – (Coleção e pesquisa em questão).

SANTOS, Boaventura de Sousa. **A crítica da razão indolente: contra o desperdício da experiência**. São Paulo: Cortez, 2011.

\_\_\_\_\_. **Pela mão de Alice: o social e o político na pós modernidade**. São Paulo: Cortez, 2013.